

Os sonetos de Antero

por JAIME CIRNE

A individualidade de Antero de Quental ocupa uma situação muito especial e de-veras singular na nossa literatura. Poeta, poucos o têm sido como ele, pelo requinte da forma sem exagero aparente, pelo impressionante acento de sinceridade e pela amplitude do pensamento; filósofo, muito menos ainda terão disposto duma inteligência mais sintética e dum poder elaborador de ideias gerais tão vasto; prosador, possuía as mais ricas e genuínas qualidades da lídima elocução portuguesa; sociólogo, dotava-o um largo critério intuitivo e uma admirável visão profética. Era um espírito raro, com propensões aristotélicas, em tal sentido o mais completo do seu tempo; mas era também, superior a isso, um nobre exemplar de estoico, que irradiava de si uma intensa luz moral. E este foi o motor principal do seu alto prestígio...

A acção política de Antero de Quental na democracia portuguesa data da publicação do eloquente opúsculo: **Portugal perante a Revolução de Espanha; considerações sobre o futuro da política portuguesa no ponto de vista da democracia ibérica.**

Já em 1868 o nome do extraordinário poeta não era desconhecido. Pelo contrário. A ruídosa **Questão coimbrã** tinha lançado o nome do iconoclasta em todos os pontos do país.

Por-isso o aparecimento do seu opúsculo, evidentemente inspirado nos trabalhos de Federalismo de Henriques Nogueira, causou verdadeira sensação. Ao tempo ainda Antero se não tinha lançado na corrente socialista.

Num intuito puramente doutrinário, foi um dos doze que assinaram as bases das célebres conferências democráticas, vulgarmente conhecidas por **conferências do Casino.**

A 27 de Maio foi a inauguração destas conferências, pronunciando Antero o discurso sobre as **Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos.**

Já então o poeta das **Odes Modernas**, cheias de ardente entusiasmo revolucionário, tinha aderido ao movimento socialista despertado pela Internacional e pelos recentes acontecimentos da Comuna de Paris.

Publicou então o opúsculo

O que é a Internacional?, proclamando a doutrina da **abstenção política**, em face do problema económico.

Com a decadência da **Internacional** desapareceu quasi rapidamente o movimento de 1872, e Antero, a-pesar-de se conservar firme na orientação derivada do movimento da Comuna, deixou de actuar no partido socialista. Publicou apenas, que sabemos, entre trabalhos de menos vulto, os manifestos eleitorais de 1879 e 80.

Depois, desiludido dos homens e das coisas, refugiou-se na Arte, publicando os seus admiráveis **Sonetos**, obra-prima da poesia portuguesa, onde todas as dúvidas, todas as incertezas, todas as comoções do século se retratam num simbolismo estranho.

//

Diz-se que a filosofia, pela sua aridez e profundidade, não é musa que inspire um poeta. Provam o contrário os sonetos filosóficos deste profundo espírito, açoitado agora pela dúvida, e logo resignado a aceitar o mundo tal qual elle é, ermo de felicidades. A morte sorri-lhe então como benéfica redentora, abrindo à Humanidade os áditos remanços do Inconsciente.

Bem-aventurados os que morrem! Esta frase bíblica, profunda e verdadeira, passa ao través do livro como ideia suprema e dominadora. Triste, mas duma beleza casta e varonil.

Os Sonetos de Antero de Quental, coligidos em volume, dispostos pela ordem da evolução psicológica de que elles formam as culminantes belezas, constituem a auto-biografia íntima duma alma, trazendo à memória essas preciosas galerias de ébano—pequenos quadros místicos em que os escultores medievais entalhavam as maravilhas santas dos agiologos.

Nada mais espiritual do que êses versos, a cuja severidade e vigôr de forma não achamos coisa comparável que não seja nos tercetos do Dante. Asceta sem crença em Deus, seguindo a frase de Guerra Junqueiro,—Antero de Quental, pelo seu carácter enormemente subjectivo, foi uma grande alma solitária, absorta num perpétuo diálogo com a

própria consciência, vivendo no encêrro do seu sonho como num claustro ideal, onde, por sobre a ruína dos cruzeiros escalavrados, o corvo vai crocitando o seu funéreo e trágico estribilho—**Nunca mais! nunca mais!**

Admiráveis, sobretudo, os Sonetos, em que esta nota de desolação ecca. E' ai que a estesia do poeta alcança o seu máximo relêvo, ai que ela atinge a expressão integral da sua individualidade. Esses versos, de cujo bronze se alonga o dobre duma incurável desesperança, fulguram como diamantes negros, cristalizações de reliquias de catedrais antigas que, ao fundo abalo da consciência, como a um grande terramoto, desabam. Eles vibram um **requiem** de ressonância imensa, e é débil a voz de Leopardi, o amargo poeta italiano, se lhes ouvimos o terrificante e clamoroso apêlo à Morte. A êsse longo e reboantíssimo rebate da trompa de Roldão, a nossa alma ennoita-se, como se a cobrira um pesado capuz de monge. Mas como uma austera e profunda espiritualidade nos enche e nos dá asas, toda a vez que subimos o escalvado e áspero cêrro a pique por onde estanceia o espirito do poeta, e ai, de entre os escombros da Babel de inteligência a cujo derruimento elle assistiu, e onde hoje as negras larvas—desalento e dúvida—rastejam, contemplamos, à base do sol pôsto, a angustiosa e nubente convulsão do caso. Não é raro ouvirmos um como bater longinquo de Avé-Marias, e a essa dulcíssima e vaga toada melancólica, trazida por uma viração balsâmica do passado, a nossa alma, enlevada, ajoelhar, como outrora:

O' visão, visão triste e piedosa!

Fita-me assim calada, assim chorosa...

E deixa-me sonhar a vida inteira!

Os Sonetos de Antero assinalam, com a mais poderosa concisão e com a mais viva intensidade, a tragédia da inteligência que tempestua no homem moderno.

O poeta da **Mors-amor** pertenceu à bela raça de espíritos da categoria dos Michelets,—espíritos altívolos, em cujo ideal, como num peito robusto de gigante, se vê que um grande coração arqueja. Foi um poeta culminante, em suma, poeta em cuja alma, varrida e ensombrada pela desesperan-

ça, corroída pelo tédio, tempestuada por íntimos e tenacíssimos combates, um simples olhar ou uma risada argentina de criança basta para difundir súbitamente por toda ela o deslumbramento de uma grande aurora, toda orvalhada de frescas alegrias, vibrantíssima de luz e de festivais chilreadas.

Sem coragem, enfim, para resistir à onda invasora da maldade humana, criando junto da baixeza dos homens uma neurastenia profunda, Antero partiu para o Nirvana, que descrevera nos seus Sonetos,—incomparáveis Sonetos em que, à flor desse amargo e cavado mar onde sossobrou a crença, se libra o amor triunfante, eterno, incorruptível, por sob um imenso céu vazio e tenebroso, como a vasta órbita de que fala Nerval!

A primeira edição do livro dos **Sonetos** publicou-se em 1886, e seria certamente ocioso alongar aqui o elogio desse precioso relicário de incomparáveis versos e dos mais elevados pensamentos poéticos e morais. A sua beleza é superior à das poesias de Sully-Prudhomme.

"Sol Nascente" e a Imprensa

O **Povo da Beira**, que se publica em S. Pedro do Sul e se vem referindo ao nosso quinzenário com palavras amigas, tem, num dos seus últimos números, palavras muito elogiosas à novela **Forme da Vida**, do nosso prezado camarada Mando Martins.

— Também a **Revista Transtaganã**, em referência amável à nossa publicação, aprecia com palavras de muito merecimento o valor literário da nossa estimada colaboradora João Falco.

— O artigo **Inteligência e Carácter**, da nossa secção **Antologia**, mereceu ao publicista sr. César Anjo, no estimado colega **O Trabalho**, um artigo de calorosa aprovação.

— Agradecemos.

Mando Martins

Êste nosso prezado colaborador, por razões de ordem particular, passará, futuramente, a assinar a sua colaboração com o seu nome civil: Armando Martins.